

29

CAPÍTULO

LEMATIZAÇÃO NO “GLOSÁRIO REGIONAL” DA OBRA ESTUDOS DE DIALETOLOGIA PORTUGUESA: LINGUAGEM DE GOIÁS (1944)¹

Rayne Mesquita de Rezende²

Maria Helena de Paula³

Resumo: No presente trabalho, apresentamos uma discussão acerca de alguns padrões de lexicografia para a organização dos verbetes de uma obra lexicográfica.

1 Este texto é uma versão com discussões mais elaboradas do resumo expandido intitulado “Notas sobre o processo de lematização no “Glosário Regional” da obra *Estudos de Dialectologia Portuguesa: Linguagem de Goiás* de Teixeira (1944)”, publicado nos Anais do I Conpeex da UFG/Regional Catalão, realizado em junho de 2015, em Catalão-GO.

2 Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem (PMEL/ CAPES), Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, Catalão-GO, Brasil

3 Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem (PMEL), Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, Catalão-GO, Brasil

E-mail de contato: ¹ rayne.letrasufg@gmail.com, ² mhp.ufgatalao@gmail.com

gráfica, focando, especificamente, no processo de lematização de uma unidade lexical selecionada como palavra de entrada a ser definida. Utilizamos como *corpus* de observação o “Glosário Regional”, que consiste no quarto capítulo da obra *Estudos de Dialetoologia Portuguesa: Linguagem de Goiás*, de Teixeira (1944). Como procedimento metodológico, realizamos a observação deste material sob a luz dos pressupostos teóricos da metalexigrafia moderna. Os resultados parciais apontam para uma porcentagem significativamente maior do registro de leixias simples, bem como para a problemática da relação entre o registro literal de um item léxico conforme a pronúncia e a existência efetiva de variação regional em nível lexical para as unidades arroladas por Teixeira (1944) como lema, que justificassem o seu registro no “Glosário Regional”.

Palavras-chave: Metalexigrafia. Lematização. Glosário Regional.

Abstract: In this paper, we present a discussion of some lexicographical standards for the organization of the entries of a lexicographical work focusing specifically on the stemming process of a lexical unit selected to as entry word to be defined. We used as observation corpus the “Glosário Regional”, which is the fourth chapter of the book *Estudos de Dialetoologia Portuguesa: Linguagem de Goiás*, Teixeira (1944). As methodological procedure, we conducted observation of this material, based on theoretical assumptions of modern metalexigrafia. Partial results indicate a significantly higher percentage of simple leixias record, and also to the existing problems between the literal record of a lexical item as the pronunciation, and the actual existence of regional variation in lexical level for enrolled units lemma for Teixeira (1944), to justify its registration in the “Glosário Regional”.

Keywords: Metalexigraphy. Stemming. Glosário Regional.

1 INTRODUÇÃO

Com o propósito de tecer algumas considerações acerca dos parâmetros utilizados para a elaboração dos constituintes da microestrutura, denominados verbetes, textos compostos pelo lema/palavra de entrada a ser definida e as acepções que os descrevem (BIDERMAN, 1984), utilizaremos como material de observação o “Glosário Regional”⁴ – Parte IV da obra *Estudos de Dialetoologia Portuguesa: Linguagem de Goiás*, de José Aparecido Teixeira, cujo tema são os traços linguísticos de Goiás.

Este trabalho, publicado no ano 1944, congrega mais uma das obras do autor na área de Dialetoologia, cujas temáticas recorrentes são as pesquisas em torno da variante brasileira da língua portuguesa, centrada em análises e registros

⁴ Grafia original, conforme consta em *Estudos de Dialetoologia Portuguesa: Linguagem de Goiás*, IV Parte (TEIXEIRA, 1944, p. 121).

As 26⁶ cidades listadas por Teixeira (1944), a longo do *Glosário*, são: Palma, Santa Ana, Jaraguá, Formosa, Pirinópolis, Itaboraí, Corumbá, Cristalina, Anápolis, Santa Luzia, Goiânia, Bela Vista, Trindade, Pouso Alto, São José do Tocantins, Capelinha, Morrinhos, Urutaí, Ipameri, Goiandira, Catalão, Rio Verde, Porto Nacional, Corumbaíba, Planaltina e Atolador. Essas cidades estão identificadas na Figura 1, enquanto a Figura 2, a título de comparação, traz um mapa atual do estado de Goiás, consoante à atual divisão do Brasil em unidades federativas, postulada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

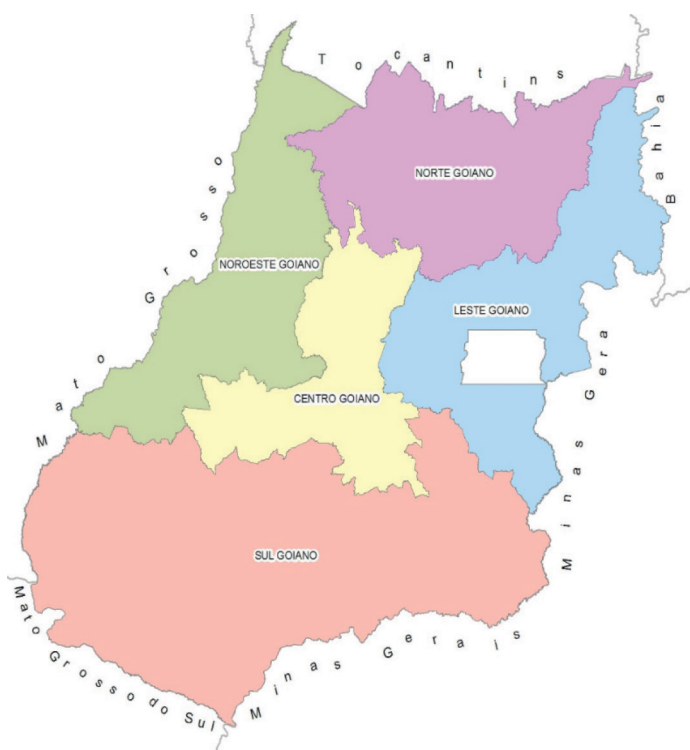


Figura 2. Mesorregiões goianas. Fonte: Instituto Mauro Borges – IBM.

Assim, o que o autor delimita como “propriamente norte” corresponde, hodiernamente, ao estado do Tocantins (até o ano de 1988, os estados de Goiás e Tocantins formavam uma única unidade federativa). As demais zonas correspondem, respectivamente, Zona Sul à atual Mesorregião do Sul goiano; a Zona Leste,

6 Algumas das cidades mencionadas, sofreram algumas modificações toponomásticas em nível de grafia, como Pirinópolis > Pirenópolis, ou foram rebatizadas, como Santa Luzia > Luziânia, São José do Tocantins > Niquelândia e Capelinha > Quirinópolis. Notam-se, ainda, aquelas que atualmente integram o estado de Tocantins: Palma > Palmas e Porto Nacional.

atual Mesorregião Leste; Zona central, atual Mesorregião do Centro Goiano e, por fim, ao que Teixeira (1944) denomina de Pré-norte, cogitamos ser a Mesorregião Norte e parte da Mesorregião Noroeste de Goiás, em sua atual conformação territorial. A comparação entre os dois mapas expostos ilustra e atesta nossa constatação.

Feita a exposição dos caracteres da obra como um todo, no tópico seguinte abordaremos os conceitos teóricos da metalexigrafia (lexicografia teórica)⁷ de que nos servimos para análise dos elementos que compõem o glosário⁸ regional. Cabe destacar que, para esta discussão, examinaremos sobretudo a configuração morfolexical dos lemas, que esbarra em problemáticas inerentes tanto à lexicologia quanto à lexicografia prática, alcançando, de igual maneira, a terminologia aplicada para as nominatas adotadas pela lexicografia teórica em cada uma de suas linhas de pesquisa (espanhola, francesa, alemã etc.).

2 METALEXICOGRAFIA: PARÂMETROS E CONCEITOS

Dissertar sobre uma das etapas para o fabrico de um instrumento lexicográfico exige, em primeira ordem, a delimitação do aspecto a ser abordado, haja vista que as fases e técnicas de elaboração desse tipo de instrumento seguem, via de regra, uma fórmula basilar para todos os tipos, que variam e se expandem consoante os objetivos de cada produto.

Entenda-se por fórmula basilar a característica arquetípica de todos os tipos de instrumentos lexicográficos de cunho linguístico e extralinguístico que são, a grosso modo, o registro de um item lexical, seus significados e sentidos. Portanto, o que diferirá cada categoria dos produtos lexicográficos serão as propriedades distintivas, a saber: (i) formato e extensão; (ii) caráter linguístico ou enciclopédico; (iii) número de línguas; (iv) configuração do léxico; (v) finalidade da obra; (vi) versão de apresentação que pode ser a tradicional, o eletrônico, ou por vezes, os dois modos (HAENSCH, 1982).

Mediante nosso objetivo de abordar os padrões e as técnicas para a composição dos verbetes, faremos *et seq.* uma breve revisão de literatura, a partir da exposição dos termos e conceitos da metalexigrafia, a fim de versarmos minimamente sobre as imbricações em que estão envolvidas as ações classificatórias nesta ciência.

7 Os termos “metalexigrafia” e “lexicografia teórica” são equipolentes, pois aludem à ciência que abrange a investigação dos critérios adotados para a confecção de acervos lexicográficos, suas tipologias e o estudo da história da lexicografia (WELKER, 2004).

8 Grafia original, conforme consta em *Estudos de Dialetologia Portuguesa: Linguagem de Goiás*, IV Parte (TEIXEIRA, 1944, p. 121).

Iniciamos pelo que concebemos como classificação tipológica maior dos produtos lexicográficos (dicionários, enciclopédias, vocabulários e glossários) e a definição da estrutura e função de cada um, sob o ponto de vista epistemológico de pesquisadores da área.

Para Biderman (1984a), os dicionários unilíngues registram as palavras de uma língua e suas definições. Os pluri ou bilíngues fazem a correspondência entre as palavras de duas línguas ou mais, indicando a tradução e equivalência das mesmas. Já as enciclopédias “são obras de referência que buscam reunir o máximo de informação sobre os mais variados domínios do conhecimento para consumo do público em geral, e não de especialistas. Podem ser do tipo alfabético ou por área do conhecimento” (BIDERMAN, 1984b, p. 16).

Os glossários consistem em “Pequeno vocabulário, ou relação de palavras, em que se explica o significado das mesmas, para ajudar o leitor na compreensão do texto que lê. Modernamente são comuns os glossários de linguagem técnica como este” (BIDERMAN, 1984b, p. 139).

Por sua vez, Barbosa (1995) ratifica que as variações terminológicas no ramo das ciências do léxico (lexicologia, (meta)lexicografia e terminologia) dificultam a separação entre os tipos de obras. A autora pondera que a raiz desta discrepância terminológica surge desde o momento em que não se tem clareza do tipo de unidade do léxico que cada instrumento pretende registrar. Entretanto, na esteira de Dominguez (1985 apud BARBOSA, 1995, p. 3, tradução e grifos nossos⁹), expõe:

Assim, se empregam para referir a mesma problemática em Lexicografia termos como léxico, vocabulário, dicionário e glossário. [...] No entanto, existem realmente diferenças entre eles [...]. Uma dessas diferenças consiste na consideração do nível linguístico e da parte do *corpus* estudado. Se o dado se baseia na língua teremos dicionários e léxicos, mas se o *corpus* pertence à fala, resultarão vocabulários e glossários. [...] léxico e dicionário por um lado e vocabulário e glossário por outro, podem definir-se também, se se considera a delimitação do *corpus* empregado para

9 Cf. a citação original: Así, se emplean para referir-se a la misma problemática en lexicografía terminos como léxico, vocabulario, diccionario y glosario. Sin embargo, existen realmente diferencias entre ellos [...] Una de esas diferencias radica en considerar el nivel linguístico del que forma parte el corpus estudiado.

Si el dato se basa en la lengua, tendremos diccionarios y léxicos, pero si el corpus pertenece al habla, resultarán vocabularios y glosarios [...] Léxico y diccionario por un lado, y vocabulario y glosario por el otro, pueden definir-se también si se considera la delimitación del corpus empleado para el análisis. El vocabulario y el glosario están limitados por las peculiaridades del habla; [...]. Finalmente, podemos diferenciar los términos atendiendo a sí el análisis del corpus ha sido exhaustivo o no, y si se han seleccionado las ocurrencias atendiendo a algún criterio específico. [...] Por otra parte, léxicos y diccionarios son obras de codificación y vocabularios y glosarios de descodificación (DOMINGUEZ, 1995, apud BARBOSA, 1995, p. 3).

análise. O vocabulário e o glossário estão limitados pelas peculiaridades da fala [...]. Finalmente, podemos diferenciar os termos atendendo assim à análise do *corpus* foi exaustiva ou não, e se foram selecionadas as ocorrências atendendo a algum critério específico. [...] Por outro lado, léxicos e dicionários são obras de codificação e vocabulários e glossários de decodificação.

Já de acordo com Haensch (1982), os instrumentos lexicográficos fragmentam-se em dois grandes grupos: os de caráter linguístico e os de caráter enciclopédico.

- As enciclopédias são grandes compilações dos conhecimentos humanos de uma época ou disciplina científica registradas de forma sistemática. Logo, se ocupam de informações extralinguísticas, não tendo como função a definição do signo enquanto parte da estrutura da língua.
- Os dicionários de língua são os repertórios dos signos, que se ocupam do seu registro e sua descrição enquanto elementos formadores do sistema linguístico, encerrando informações como pronúncia, grafia, significado, contexto de uso etc.
- Os vocabulários e glossários são codificações de discursos individuais em oposição aos dicionários que registram o discurso coletivo. O discurso individual deve ser entendido como uma série de usos lexicais que ocorrem em determinadas situações, como a explicação dos significados dos lexemas na obra de um autor ou em textos antigos (clássicos e medievais), ou a designação de um repertório de lexemas específico de determinada área da língua, podendo ser de termos técnicos ou de usos mais restritos a uma comunidade linguística.

A exposição das conceituações para os termos dicionário, enciclopédia, glossário e vocabulário, segundo a proposição dos três autores supramencionados, permite mensurar o posicionamento teórico metodológico adotado por cada qual. Sem fazer juízo de valores, haja vista que todas as classificações acima podem ser aplicadas em uma análise metalexigráfica, ensejamos aqui apenas dar uma ligeira demonstração das dificuldades para os quais devem atentar-se dicionaristas, lexicógrafos ou qualquer pesquisador que se proponha a estudar produtos lexicográficos.

Essa observação se encaixa tanto para os que objetivam um produto com fins puramente didáticos, como para quem pretenda elaborar, a nível de organização e resultado de dados, as recorrências levantadas durante um trabalho acadêmico, por exemplo.

Remontando à afirmação de Barbosa (1995), para o qual uma das causas para a complexidade de uma categorização uniforme para os tipos de acervos le-

xicográficos é a ausência de um entendimento preciso de quais sejam exatamente as classes de unidades do léxico a serem inventariadas, trazemos, na sequência, mais uma amostra das diferentes conceptualizações relativas à “palavra”, “lexema”, “lexia” e “fraseologismo”, indubitavelmente um dos grandes inconvenientes para a lexicologia e lexicografia em suas vertentes teórica e prática. Sendo assim, Biderman (1999) estabelece:

- unidade lexical: termo que designa um item do subsistema léxico, podendo ser sinônimo, a depender do contexto, de lexema ou de lexia;
- lexema: unidade abstrata do léxico, em sua forma paradigmática (lema), sendo flexionada conforme as necessidades discursivas, tornando-se uma lexia (simples, complexa e composta);
- lexia simples: unidade grafada em uma única sequência separada por dois espaços brancos (anterior e posterior, por exemplo: água, caminho, bom etc.);
- lexia complexa e composta: as lexias complexas são formadas por mais de uma unidade, separada por espaços sem hífen (por exemplo: dona de casa, papel higiênico etc.). As lexias compostas contêm características semelhantes, no entanto, estão separadas por hífen (por exemplo: guarda-roupa, tromba-d’água etc.);
- unidades fraseológicas (UFs): sequência de duas ou mais unidades lexicais separadas por espaços brancos ou hifens, com graus variados de fixidez e cristalização desta sequência discursiva. De acordo com a proporção deste grau, as UFs são subdivididas em (i) expressões idiomáticas: semanticamente opacas, não podem ter seus termos dissociados sem a perda do sentido global da expressão, não possuindo, por questões linguísticas e culturais, equivalentes em outro idioma; e (ii) colocações: formadas por uma sequência de unidades lexicais que geralmente co-ocorrem, são compostas por uma base e um colocado, podendo este último ser substituído (por exemplo: levar a vida inteira/toda, ou botar/pôr ovos). Possuem um grau menor de fixidez do que as expressões idiomáticas.
- lema: consiste na palavra de entrada definida como unidade léxica que representa o paradigma de todas as formas flexionadas (BIDERMAN, 1984a).
- lematização: traduz-se pela adequação das formas ocorridas em textos a sua forma paradigmática/lema, seguida de sua inserção em um dos tipos de objetos lexicográficos (BIDERMAN, 1984a).

Em contrapartida, Coelho (2006) apresenta em um capítulo sobre a hierarquia das unidades linguísticas, concepções que divergem do postulado por Biderman (1999). Ao tratar da articulação dos três principais níveis linguísticos – (i)

distinção, (ii) significação e (iii) comunicação –, demonstra os contextos de realização de morfema, palavra e lexia entre os dois últimos.

A palavra, que pertence ao sistema da língua, é uma unidade significativa memorizada em seu todo, tendo como constituinte imediato o morfema; a lexia, por sua vez, é a unidade significativa memorizada em seu todo, formada por palavras que atuam como seu constituinte imediato. No que tange à disposição morfolexical das unidades memorizadas, Coelho (2006, p. 62, grifos do autor) enuncia:

Assim, como a palavra pode ser formada por apenas um morfema, como *llápis*, ou por mais de um, como *land-á-va-mos*, a lexia também pode ser formada por mais de uma palavra, como *lquebrar a caral*, *lconto do vigárial*, ou por uma apenas, como *lmeninas*, *lporém*, *lquebrar*. Diz-se *simples* a lexia formada por apenas uma palavra e *composta* ou *complexa* à lexia formada por mais de uma palavra. Neste sentido, toda e qualquer palavra é uma lexia simples.

Ademais, a lexia é também considerada uma unidade de comportamento sintático, tanto em sua formação (composta ou complexa) como em seu relacionamento com as demais existentes no contexto sintagmático, caso seja simples. O que determina uma lexia como composta é a alta frequência de uso memorizada por meio da associação de duas ou mais unidades combinadas sintaticamente, visto que são realizadas na esfera discursiva como um bloco único.

Para finalizar essa sucinta reflexão acerca das divergências entre os estudiosos do léxico no que diz respeito à delimitação dos componentes e, conseqüentemente, dos tipos de unidades que figurarão como *definiendum* – conforme Welker (2004). Em uma exaustiva revisão da fortuna crítica no ramo da metalexiconografia, este autor reflete sobre a multiplicidade da nomenclatura existente nesta área. Fundamentado nos pressupostos teóricos de Pottier (1974), Welker concebe a lexia como tipos de palavras ou tipos de conjuntos de palavras em sua forma base (por exemplo, os verbos no infinitivo). E destaca:

Uma “lexia” pode ser:

- um “lexema” (isto é, um morfema lexical, uma palavra com significado próprio);
- um “gramema” (morfema gramatical: artigo, pronome, advérbio, preposição);
- um “lexema” e um ou mais “gramemas”: *casas*, *dormiu*, *bonita*, *interminavelmente* (cf. Faulstich 1980: 18s.).
- Existem:
- lexias simples (*casa*, *casas*, *dormir*, *dormiu*, *bonito*, *bonita*); e
- lexias compostas (palavras compostas, como *mestre-de-obras*, e palavras derivadas, como *deslizar*). (WELKER, 2004, p. 19)

Quanto aos lexemas, sustendo-se na recopilação de vários autores, Welker (2004) identifica-os como palavras e morfemas com significado próprio (autos-

semânticos), pertencentes a inventários abertos. Já os morfemas gramaticais não têm significado próprio e funcionam para referência a outras palavras e estabelecimento de relações, pertencendo a inventários fechados.

Feita a explanação dos termos técnicos da (meta)lexicografia, demonstraremos posteriormente os resultados parciais obtidos nesta análise, uma das etapas do projeto de pesquisa de pós-graduação *stricto sensu* intitulado “Configurações da linguagem em Goiás: um estudo dos regionalismos lexicais sob o viés metalexicográfico”, encontra-se em vias de conclusão.

3 DISPOSIÇÃO GERAL DOS ELEMENTOS DO “GLOSÁRIO REGIONAL”

O “Glosário Regional” é estruturado em forma de tabela, em ordem alfabética com orientação semasiológica, contemplando 252 unidades lexicais frequentes no repertório léxico de Goiás em meados de 1940. Esse *Glosário* subdivide-se, respectivamente, em quatro colunas: classificação, vocábulo, significação e local. As nomenclaturas das seções divergem dos termos técnicos mais usuais na lexicografia brasileira atual.

A reprodução *ipsis litteris* da organização do “Glosário Regional” (Tabela 1) facilitará o entendimento de cada uma das observações feitas. Veja-se:

Diante do exposto, observamos que a “classificação”, via de regra, é denominada de “marca de uso” (informação que denota os contextos de uso da unidade lexical), e pode ser de natureza diatópica (para acepções restritas a certas regiões do país), diastrática (relativos aos valores socialmente atribuídos aos itens léxicos – coloquial, culto, pejorativo), cronológica (demarcam a situação de uso ao longo do tempo – arcaísmo, antiquado, neologismo), termos técnicos (de uma ciência ou área específica de conhecimento), entres outras.

Já para “vocábulo”, os termos são “entrada”, “palavra de entrada” ou “lema”. A categoria léxico-gramatical é também registrada, após “vocábulo”, entretanto, esse trecho da tabela não recebe nenhuma inscrição.

Comumente, para “significação” são adotados os termos “definição” ou “acepção”. Nesta coluna figuram, por vezes, algumas abonações retiradas majoritariamente de um trabalho do mesmo autor, *Folclore Goiano* (TEIXEIRA, 1959), além de informes sobre a possível etimologia das palavras, que contempla algumas hipóteses para as variações fonéticas, gráficas e associações dos falantes goianos que cresceram ou matizaram novos sentidos às unidades lexicais.

Por sua vez, da seção “local” infere-se uma opção de Teixeira (1944) por registrar as cidades e regiões de Goiás onde foram colhidos os itens léxicos inventariados e descritos no *Glosário*.

Tabela 1. Reprodução do “Glosário Regional” contido na obra *Estudos de Dialetoologia Portuguesa: Linguagem de Goiás*, de Teixeira (1944)

Classificação	Vocábulo		Significação		Local
Brasileir.	Nanico	adj.	Pequeno	Do lat. nanus, port, enano esp.	Geral
Etm. pop.	Nepetente	sf.	Onipotência	Abn: Quanu Deus feiz o mundo Foi com grande nepetente;	B. vista
Neolog.	Negro dagua	sm.		Duende que habita as margens do Tocantins. Tem a cabeça pelada em forma de cuia, corpo preto e peludo e mãos de pato. Em noites de luar assalta canoas de pescadores. Superstições e Folclore	Nordeste
Arcaísmo	Ni	prep.	No - Na.	Abn: ni roça = na roça ni coigo = no córrego ni mato = no mato ni agua = na agua.	B. Vista Urutaí Pirinópolis Formosa
Neolog.	Nuviar	v. intr..	Dar cria	Corr. de novilhar oriundo de novilha	Itaberaí

Creditamos essa diferença entre os termos padrão sugeridos pela prática lexicográfica e os adotados no *Glosário* à forma escolhida por Teixeira para registrar o material resultante de sua pesquisa (datilografia), bem como ao fato de o autor não ter conhecimento teórico e prático das diligências da ciência lexicográfica para a produção de seus objetos.

3.1 Registro dos lemas no “Glosário Regional”: análise e resultados parciais

Encetamos pela proporção das categorias léxico-gramaticais registradas: substantivo, verbos, adjetivo e outros (advérbio, conjunção, preposição e locução), agrupadas de acordo com sua frequência de ocorrência.

Tabela 2. Ocorrência das categorias léxico-gramaticais no “Glosário Regional” TEIXEIRA, 1944)

“Glosário Regional” – Lemas	
Categoria léxico-gramatical	Quantidade
Substantivos	58,3%
Verbos	16,7%
Adjetivos	23,4%
Outros (conjunção, locução, advérbio, preposição)	1,6%

Ao examinarmos esses dados em linhas gerais, sem uma quantificação exata, percebemos que as unidades lexicais pertencentes a cada categoria léxico-gramatical estão relativamente concernentes aos padrões postulados pela metalexico-grafia, principalmente os substantivos e os verbos.

Logo, os substantivos aparecem mormente em sua forma base: grau normal, número singular e indicação de gênero. Os verbos figuram no infinitivo e os adjetivos no singular, variando, por vezes, o gênero.

Todavia, algumas exceções, como o substantivo “caico” (cálculo) ou o verbo “beceivar” (observar), com significado igual ao vigente no léxico geral, evidenciam que a alteração é apenas em nível fonético. Portanto, os registros dessas formas e de outras semelhantes não se justifica, pois não são alterações léxico-semânticas especificamente regionais, configurando somente transposição literal da fala para a escrita.

As classes agrupadas sob a nominata “outros” são, indubitavelmente, as que denotam maior interferência de ordem fonética, manifestada na grafia dos lemas. Para ilustrar nossa explanação, temos o advérbio de intensidade “muito”, que é lematizado como “munto”.

Concorde à proposta do *Glosário* de inventariar as ocorrências lexicais regionais goianas, registros como esses poderiam ser, em certa medida, aceitáveis se, além da variação gráfica, o “munto” engendrasses também uma variação semântica.

Para a identificação das unidades do sistema lexical, executamos três tipos de classificação, conforme o que ponderam Biderman (1999), Coelho (2006) e

Welker (2004). Seguimos com a ordem em que foram escalonados no tópico 2. Veja-se os resultados parciais:

- 1) (BIDERMAN, 1999): mediante a quantificação dos lemas, agrupamos estes em dois conjuntos maiores: (1) lexias simples e (2) lexias compostas abrangendo, este último, as lexias compostas e unidades fraseológicas.

O conjunto (1) totaliza 238 lemas, que correspondem a 94,4% dos registros do *Glosário*, enquanto o conjunto (2) perfaz os 5,6% restantes – 14 lemas, que elencamos na Tabela 3:

Tabela 3. Tipos de unidades lexicais identificados no “Glosário Regional” (TEIXEIRA, 1944)

Tipo de unidade do sistema lexical	
Lexias complexas	Lexias compostas
1. Dieta de fãmia	1. Arcada-caída
2. Instrução da maleita	2. Boca-de-pito
3. Negro dagua	3. Camisa-vermelha
4. Pé de garrafa	4. Dê-comê
5. Tupiar na viola	5. Lua-nova
	6. Mãe-do-corpo
	7. Onça-pintada
	8. Pisa-pé
	9. Pisa-quente

Salientamos que a transcrição das unidades acima foi feita *ipsis litteris* à grafia utilizada por Teixeira (1944) em seu “Glosário Regional”.

Segundo Biderman (1999), o grau de coesão e cristalização de uma sequência como as apresentadas acima pode ser verificado por meio dos testes de substituição – troca de uma das unidades da sequência por outra semelhante, ou inserção de outra unidade entre os constituintes da sequência.

Então, levando em conta a feição léxico-gramatical da unidade, poderíamos facilmente substituir algumas das unidades. Assim, a base “lua” poderia ter como colocado “cheia” ou “minguante”. Sabemos, contudo, que é preciso considerar a realização discursiva, momento em que são articulados os três subsistemas da língua (léxico, gramática e discurso) materializando efetivamente a língua:

[...] nas realizações discursivas (orais e escritas) as fronteiras entre uma unidade lexical complexa e um sintagma discursivo são difusas. Existe toda uma gama de sol-

dadura entre os elementos de uma combinatória lexical. Assim, podemos identificar sintagmas lexicalizados cujos elementos componentes estão perfeitamente soldados, e outros com um forte índice de coesão interna. Quase poderíamos afirmar que a sequência dos usos vai dando aos falantes um forte sentimento de cristalização da sequência discursiva. É aqui fundamental o papel da significação. Se a combinatória lexical refere um referente único e perfeitamente identificável no universo extra-lingüístico, é quase certo que o sentimento linguístico dos falantes os induzirá a considerar esse sintagma lexicalizado como uma *lexia complexa* (BIDERMAN, 1999, p. 91-92, grifos da autora).

Diante do exposto, tendo em conta o fato de lidarmos aqui não com as ocorrências do léxico geral, mas com uma fração deste, no âmbito dia-tópico, classificamos as 14 combinatórias léxicas ou unidades fraseológicas como expressões idiomáticas, por serem referentes que remetem a conceitos cristalizados (segundo Teixeira (1944) na memória linguística e cultural dos falantes goianos da década de 1940.

- 2) Se pautados em Coelho (2006), obteríamos como classificação para as unidades 14 *lexias* compostas, uma vez que “dieta de fãmia”, “instrução da maleita”, “negro dagua”, “pé de garrafa”, “tupiar na viola”, “arcada-caída”, “boca-de-pito”, “camisa-vermelha”, “dê-comê”, “lua-nova”, “mãe-do-corpo”, “onça-pintada”, “pisa-pé” e “pisa-quente” são unidades significativas memorizadas formadas por uma sequência de palavras que, devido à sua frequência de uso e constituição morfolexical, adquirem um sentido específico no discurso somente quando empregadas juntas e em uma sequência estabelecida.
- 3) Sob o aporte de Welker (2004), as unidades “dieta de fãmia”, “instrução da maleita”, “negro dagua”, “pé de garrafa”, “tupiar na viola”, “arcada-caída”, “boca-de-pito”, “camisa-vermelha”, “dê-comê”, “lua-nova”, “mãe-do-corpo”, “onça-pintada”, “pisa-pé” e “pisa-quente”, também seriam distribuídas na categoria *lexia* composta.

Todavia, mesmo sendo formadas por uma sequência de palavras autosemânticas, não poderiam ser consideradas como *lexemas*, porque, nesse caso, perdem os seus traços sêmicos individuais passando a ter o significado ou sentido desejado apenas no contexto de uso cabível para tais combinações morfolexicais.

4 NOTAS FINAIS

Esta síntese, executada a partir de um dos excertos da pesquisa de mestrado em andamento intitulada *Configurações da linguagem em Goiás: um estudo dos regionalismos lexicais sob o viés metalexigráfico*, teve o propósito de demonstrar os percalços que envolvem a produção lexicográfica, porque, mais do que

conhecimentos teóricos e práticos no ramo da lexicografia, exige também um conhecimento vasto da língua, amparado por diversas perspectivas científicas.

Esperamos, ainda que minimamente, contribuir para o conhecimento dos termos científicos da (meta)lexicografia, visto que compreendê-los é de suma importância para o entendimento, em termos de estrutura e conteúdo, dos itens léxicos inventariados nos acervos lexicográficos gerais e parciais.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. A. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. *Ciência da Informação*, v. 24, n. 3. 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/493/447>>. Acesso em: 20 mar. 2015.
- BIDERMAN, M. T. C. Glossário. *Alfa*, São Paulo, 28 (supl.), p. 135-144, 1984a.
- _____. A ciência da Lexicografia. *Alfa*, São Paulo, 28 (supl.), n. 42, p. 1-26, 1984b.
- _____. Conceito linguístico de palavra. *Palavra*, Petrópolis, v. 1, n. 5, p. 81-97, 1999.
- COELHO, B. J. *Estrutura e funcionamento da língua portuguesa*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.
- HAENSCH, G. et al. (Org.). *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Editorial Gredos, 1982.
- TEIXEIRA, J. A. *Estudos de dialetologia portuguesa: linguagem de Goiás*. São Paulo: Ed. Anchieta, 1944.
- _____. *Folclore goiano: cancionero, lendas superstições*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

